



## **EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E O PAPEL DO PROFESSOR**

**EMILLIE MICHELS**

Faculdade Capivari

[emillie@fucap.edu.br](mailto:emillie@fucap.edu.br)

**DIEGO PASSONI**

Faculdade Capivari

[diegopassoni@outlook.com](mailto:diegopassoni@outlook.com)

**FERNANDA KEMPNER MOREIRA**

Faculdade Capivari

[kempnereletrica@hotmail.com](mailto:kempnereletrica@hotmail.com)

**ELIANE DUARTE FERREIRA**

Faculdade Capivari

[Eliane\\_dfer@hotmail.com](mailto:Eliane_dfer@hotmail.com)

**TATIANI FERNANDES TEIXEIRA**

Faculdade Capivari

[tatianift@outlook.com](mailto:tatianift@outlook.com)

### **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo analisar o papel do professor no ensino de empreendedorismo, por meio da aplicação de pesquisa de avaliação de atividade intercursos em uma Faculdade do sul de Santa Catarina, denominada Feira de Empreendedorismo. Para tanto, construiu-se um referencial teórico baseado nas variáveis: professor, ensino-aprendizagem e ensino de empreendedorismo. Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa caracteriza-se como de abordagem qualitativa, do tipo descritiva, baseada sua análise nos resultados da aplicação de um instrumento de pesquisa, de cunho avaliativo da prática, semiestruturado aos 109 alunos participantes. Na análise dos dados, o papel do professor à prática no ensino do empreendedorismo evidenciou-se como importante no contexto analisado. E seus papéis baseiam-se, na percepção dos alunos, de um ser referência: Auxiliador, Condutor, Despertador, Encorajador, Estimulador, Expansor, Incentivador e Motivador.

**Palavras chave:** Professor; Ensino-Aprendizagem; Ensino de Empreendedorismo.

## 1. INTRODUÇÃO

Muito tem se exigido do professor na educação superior. O domínio do conteúdo e das tecnologias com vistas à prática, atitude e comportamento ativo, entendimento da regulação e do projeto pedagógico do curso, que seja pesquisador e bom docente, que seja mediador de conhecimento e que proporcione ambiente para a emancipação do aluno, que tenha experiência de mercado e que auxilie na educação crítica e reflexiva.

O seu fazer docente é emergido nas contradições e desafios do paradigma econômico e político mundial. Sendo a educação as bases para o conhecimento do futuro, o trabalho docente é de responsabilidade e compromisso essencial para a inovação, para o fazer diferente. O que é muito desafiador, considerando que, dentro desse contexto, o professor deve ensinar de outro modo (método) do que aprendeu.

E o professor, para ensinar, impescinde de aluno. O ensinar, portanto, é ato que se pretende aprendizagem nessa relação dialógica de construção de conhecimento. O “como” se ensina está relacionado a uma maior ou menor entendimento, apropriação do conhecimento e empoderamento. Afirma Freire (1996) que espera-se do professor o compromisso com a aprendizagem e não apenas do ensino.

As metodologias ativas de aprendizagem têm recebido a implementação dessas metodologias pode vir a favorecer uma motivação autônoma quando incluir o fortalecimento da percepção do aluno de ser origem da própria ação.

A capacidade de aprendizagem está diretamente ligada na condição de aplicar e transformar o conhecimento teórico em ação para gerar valor real na sociedade em que vivemos. (COLLINS; HANNON; SMITH, 2004). Quando é analisada essa perspectiva do ponto de vista do Empreendedorismo a necessidade da interação entre o teórico e a implementação no cotidiano se torna ainda mais real, não apenas em função do aumento do interesse dos acadêmicos em buscar carreiras empreendedoras (BRENNER et al, 1991; HART; HARRISON, 1992) mas pela contínua busca do empreendedor a se tornar mais competitivo e produtivo mesmo que com riscos maiores.

Apesar da clara necessidade e importância de que as IES de todo o mundo criem cursos e programas específicos de Empreendedorismo, se possível dentro da grade curricular de seus da graduação, a maior parte dos estudantes ainda não tem acesso a esse que ainda pode ser considerado um privilégio para muitos. No Brasil, Guerra e Grazziotin (2010) mostraram que 32% das IES públicas e 11,5% das privadas oferecem programas de empreendedorismo.

Para se atingir aos objetivos propostos, e considerando o método o caminho a ser seguido (GIL, 2008), buscou-se o desenho das etapas e técnicas desenvolvidas para o alcance do objetivo geral deste trabalho.

Neste trabalho se pretende analisar um programa de uma Faculdade do sul de Santa Catarina que desenvolve semestralmente, a partir do ano de 2011, a sua Feira de Empreendedorismo como programa especial para fomentar a Educação Empreendedora dentre seus acadêmicos, mesmo aqueles que não estão cursos diretamente relacionados a gestão. O estudo busca, a partir da aplicação de um questionário semiestruturado aos alunos participantes, analisar o papel do professor no ensino do empreendedorismo, atribuindo-o algumas características que favorecem o processo de aprendizagem.

## 2. O PAPEL DO PROFESSOR NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE EMPREENDEDORISMO

A educação deve transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases para as competências do futuro. Simultaneamente, compete-lhe encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficar submergidas nas ondas de informações, mais ou menos efêmeras, que invadem os espaços públicos e privados e as levem a orientar-se a projetos de desenvolvimento individuais e coletivos. (DELORS, 2003)

Desta forma, Delors (2003) organiza a educação em quatro pilares: aprender a conhecer (adquirir instrumentos da compreensão), aprender a fazer (para poder agir sobre o meio), aprender a viver juntos (participar e cooperar com os outros), aprender a ser (que integra os três). Mas, em regra geral, a educação formal orienta-se, essencialmente, se não exclusivamente, para o aprender a conhecer e, em menor escala, para o aprender a fazer. As outras duas aprendizagens dependem, na maior parte das vezes, de circunstâncias aleatórias quando não são tidas, de algum modo, como prolongamento natural das duas primeiras. Aponta-se, então, oportunidade para trabalho docente emancipador.

Bondía (2002) construiu notas sobre a experiência, a partir da relação entre teoria e prática, que podem ser aplicada à educação. Enquanto os primeiros seriam sujeitos que aplicam com maior ou menor eficácia as diversas tecnologias pedagógicas, os segundos seriam sujeitos críticos, comprometidos com maior ou menor êxito, com práticas educativas. Superando essa dicotomia, o autor sugere a pensar na educação pelo par experiência/sentido: o que nos passa, o que nos acontece.

Cunha (2004) afirma que, a partir da influência da concepção da ciência moderna e das relações da educação como produção, não se deve julgar adequado a simples transmissão dos conteúdos, requerendo que os docentes universitários ensinem diferente de como foram ensinados, promovendo emancipação.

“Essa concepção, porém, contraria a histórica premissa construída para o trabalho do professor, materializada na ideia de que a função docente resume-se em ensinar um corpo de conhecimentos estabelecidos e legitimados pela ciência e cultura, especialmente pelo valor intrínseco que os mesmos representam” (CUNHA, 2004, p. 530).

“Abalados os conhecimentos que dão sustentação a um ensino prescritivo e legitimado pelo conhecimento científico, o professor vê-se numa emergência de construção de novos saberes. As questões principais que enfrenta na prática cotidiana dizem respeito a processos que geram perguntas, tais como: Em que medida consigo atender as expectativas de meus alunos? Como compatibilizá-las com as exigências institucionais? Como motivar meus alunos para aprendizagens que extrapolam o utilitarismo pragmático que está em seus imaginários? [...]” (CUNHA, 2004, p. 532).

É possível haver ensino se não houver educação? Baseado em Dewey, a resposta é negativa à essa pergunta, pois ensinar é como vender mercadorias. Ninguém vende, se ninguém compra. Em seu entendimento, existe a mesma exata equação entre aprender e ensinar. Felman é um dos autores que defende a ideia de que o sucesso na aprendizagem é um objetivo, mas não uma certeza, e transfere ao estudante parte da importante responsabilidade para que ela aconteça de fato. (VOLPATO, 2011).

A origem da educação tradicional e conseqüentemente das metodologias clássicas da educação são embasadas em conceituações da corrente filosófica empírica, pelo qual, supunham que o conhecimento é do exterior para o interior e que a relação de aprendizagem que envolve a mediação entre sujeito e objeto são dadas através dos sentidos, da percepção. Esta teoria da aprendizagem desconsidera o sujeito como ativo na construção do conhecimento (PIAGET, 1988).

O interesse epistemológico desse problema da aprendizagem das estruturas lógicas é, pois que ele conduz à fonte mesma das relações entre o sujeito e os objetos. Reduzir a aprendizagem das estruturas lógicas às outras variedades de aprendizagem e todas elas a um esquema único de natureza associacionista será, naturalmente suprimir o papel do sujeito no conhecimento, esse conhecimento se limitando, sob sua forma sintética, a traduzir as propriedades físicas do objeto e, sob sua forma analítica, a combinar essas traduções sem entretanto enriquecê-las. (PIAGET, 1974, p. 51)

Se o ensino consiste em simplesmente em dar aulas, em fazê-las repetir por meio de ‘exposições’ ou de ‘provas’, e aplicá-las em alguns exercícios práticos sempre impostos, os resultados obtidos pelo aluno não tem significação que no caso de um exame escolar qualquer, deixando-se de lado o fator sorte. Unicamente na medida que os métodos de ensino sejam ‘ativos’ – isto é, confirmam uma participação cada vez maior as iniciativas e aos esforços espontâneos do aluno – os resultados obtidos serão significativos. Nesse último caso, trata-se de um método bastante seguro, que consiste, se assim pode se dizer, em uma espécie de exame psicológico contínuo, em oposição àquela espécie de amostragem momentânea que, apesar de tudo, constitui os testes. (PIAGET, 1988, p. 47)

O primeiro receio (e, para alguns, a esperança) de que se anule o papel do mestre, em tais experiências, e que, visando ao pleno êxito das mesmas, seja necessário deixar os alunos totalmente livres para trabalhar ou brincar segundo melhor lhes aprouver. Mas é evidente que o educador continua indispensável, a título de animador, para criar as situações e armar os dispositivos iniciais capazes de suscitar problemas úteis à criança, e para organizar, em seguida, contra – exemplos que os levam à reflexão e obriguem ao controle das soluções demasiado apressadas: o que se deseja é que o professor deixe de ser apenas um conferencista e que estimule a pesquisa e o esforço, ao invés de se contentar com a transmissão de soluções prontas (PIAGET, 1988, P. 15).

Por exemplo, Paulo Freire (1921-1997) viria a estimular o desenvolvimento de uma Pedagogia Problematizadora, sustentada por uma concepção defendida por Gadotti como dialética, em que “educador e educando aprendem juntos, numa relação dinâmica na qual a prática, orientada pela teoria, reorienta essa teoria, num processo de constante aperfeiçoamento” (GADOTTI, 2001, p. 253).

Gadotti (2001) salienta duas grandes contribuições de Paulo Freire para o pensamento pedagógico brasileiro no século XX. Uma delas é a contribuição à teoria dialética do conhecimento, para a qual “a melhor maneira de refletir é pensar a prática e retornar a ela para transformá-la”. Freire sugere pensar o concreto, a realidade, e não pensar pensamentos. A outra é a categoria pedagógica da conscientização, visando, por meio da educação, “à formação da autonomia intelectual do cidadão para intervir sobre a realidade” (GADOTTI, 2001, p. 253-254). A educação, para Freire, não é neutra, mas sempre um ato político.

A implementação de metodologias ativas pode vir a favorecer uma motivação autônoma quando incluir o fortalecimento da percepção do aluno de ser origem da própria ação, ao serem apresentadas oportunidades de problematização de situações envolvidas na programação escolar, de escolha de aspectos dos conteúdos de estudo, de caminhos possíveis

para o desenvolvimento de respostas ou soluções para os problemas que se apresentam alternativas criativas para a conclusão do estudo ou da pesquisa, entre outras possibilidades (BERBEL, 2011).

As metodologias ativas têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os alunos se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor. Quando acatadas e analisadas as contribuições dos alunos, valorizando-as, são estimulados os sentimentos de engajamento, percepção de competência e de pertencimento, além da persistência nos estudos, entre outras. Com a intenção de fazer a aproximação entre estes estudos voltados para a promoção da autonomia do aluno e o potencial da área pedagógica na mesma direção, trazemos a seguir alguns aspectos relacionados e algumas características das Metodologias Ativas. (BERBEL, 2011)

Bastos (2006) nos apresenta uma conceituação de Metodologias Ativas como “processos interativos de conhecimento, análise, estudos, pesquisas e decisões individuais ou coletivas, com a finalidade de encontrar soluções para um problema.” Nesse caminho, o professor atua como facilitador ou orientador para que o estudante faça pesquisas, reflita e decida por ele mesmo, o que fazer para atingir os objetivos estabelecidos. Segundo o autor, trata-se de um processo que oferece meios para que se possa desenvolver a capacidade de análise de situações com ênfase nas condições loco-regionais e apresentar soluções em consonância com o perfil psicossocial da comunidade na qual se está inserido (BERBEL, 2011).

Berbel (2011) explica que as metodologias ativas utilizam a problematização como estratégia de ensino/aprendizagem, com o objetivo de alcançar e motivar o discente, pois diante do problema, ele se detém, examina, reflete, relaciona a sua história e passa a ressignificar suas descobertas. A problematização leva o aluno ao contato com as informações e à produção do conhecimento, principalmente, com a finalidade de solucionar os impasses e promover o seu próprio desenvolvimento.

O engajamento do aluno em relação a novas aprendizagens, pela compreensão, pela escolha e pelo interesse, é condição essencial para ampliar suas possibilidades de exercitar a liberdade e a autonomia na tomada de decisões em diferentes momentos do processo que vivencia, preparando-se para o exercício profissional futuro. Para isso, deverá contar com uma postura pedagógica de seus professores com características diferenciadas daquelas de controle (BERBEL, 2011). Nesta ótica, pensa-se sobre a educação empreendedora.

## 2.1 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA.

A importância do empreendedor no desenvolvimento econômico vem chamando cada vez mais atenção de acadêmicos e pesquisadores. Em países em desenvolvimento o fomento ao empreendedorismo é uma poderosa política pública de criação de novos empregos e ganhos de produtividade na economia local. Esta função está associado a uma característica peculiar desse fenômeno, que se trata da criação de novos negócios por sujeitos empreendedores (ROCHA; FREITAS, 2014).

E esse desafio, de educar para o empreendedorismo é frisado por Welsh et al. (2016), que evidenciam o Ensino de Empreendedorismo como um período de transição principalmente em função das mudanças tanto conceituais, com novos modelos de ensino, quanto tecnológicas que as principais IES – Instituições de Ensino Superior, estão passando

atualmente, ocasionando uma ampla produção científica com trabalhos com resultados bastante dissonantes entre eles.

Dentro dessa produção abundante nos últimos trinta anos sobre educação empreendedora é possível destacar algumas como McMullan e Long (1987); Block e Stumpf (1992); Charney e Libecap (2000); Shepherd (2004); Fayolle (2005); Honig (2005); Wilson, Kickul e Marlino, 2007; Guerra e Grazziotin, 2010; Welsh e Dragusin, 2011; Gibb, 2011; Rodrigues, Dinis, Do Paco, Ferreira e Raposo (2012); Sánchez (2013) e as mais recentes como Maresch et al. (2016); Welsh et al (2016); Walter e Block (2016); Ruskovaara et al. (2016).

Acerca da proliferação de estudos sobre o tema, Honig (2004) coloca que, apesar da grande quantidade de pesquisas que relacionam a educação empreendedora e as intenções empreendedoras, discordâncias teóricas e empíricas mantêm-se.

Apesar de diversos estudos terem sido realizados e conseguirem demonstrar o impacto da educação empreendedora na propensão e intenção de estudantes em empreender existe bastante discussão sobre a efetiva comprovação do tema (VON GRAEVENITZ; HARHOFF; WEBER, 2010; LAUTENSCHLÄGER; HAASE, 2011).

Na tentativa de compilar resultados desta natureza Bae et al (2014) realizaram uma metanálise em 73 estudos com um total de 37285 respostas e encontraram uma significativa correlação entre educação empreendedora e intenção de empreender.

A gama de métodos e processos de ensino dentro da educação empreendedora é vasta, Jones e Matlay (2011) frisam que os mais frequentes são workshops, debates projetos com clientes atuais, cooperação com empresas, seminários, trabalhos para desenvolver atitudes empreendedoras, simulações de negócio e treinamento prático.

O presente estudo segue a tradição de pesquisa empreendedora baseada em evidências, trazendo como contribuição acadêmica a discussão sobre a educação empreendedora e o perfil empreendedor. Ao focar no perfil empreendedor, e não na intenção empreendedora, pretende-se contornar limitações reconhecidas de que a intenção empreendedora não é a variável mais adequada à análise da eficiência da educação empreendedora. Além disso, diferentemente de estudos anteriores, a presente pesquisa não se limita a estudar o efeito de uma única ação pedagógica, mas focaliza um conjunto destas ações naquilo que se denomina atividades educacionais de formação em empreendedorismo (AEFE). Em termos da contribuição prática, os resultados derivados deste estudo têm o potencial de indicar a efetividade da implementação de atividades de fomento ao empreendedorismo, em cursos de nível superior.

O ensino do Empreendedorismo tem apresentado uma gama de formas heterogêneas em seu processo pedagógico. Duas diferentes áreas têm conduzido a educação empreendedora, dessa maneira, diversificando sua respectiva pedagogia. Enquanto uma área aborda a educação sobre o empreendedorismo, a outra enfoca a educação para o empreendedorismo (LAUTENSCHLÄGER; HAASE, 2011). Na literatura recente, percebe-se maior preocupação na educação voltada para ensinar o empreendedorismo com o propósito de formar empreendedores atuantes, indo além do conhecimento teórico do tema (CHEUNG; AU, 2010; ELMUTI; KHOURY; OMRAN, 2012; GIOVANELA; GOUVEIA; FRÂNCIO; DALFANO, 2010; PETERSON; LIMBU, 2010).

Lautenschläger e Haase (2011) ressaltam que existem aspectos do empreendedorismo que podem ser fáceis de ensinar e outros não. Habilidades e competências como criatividade,

inovação, proatividade, tomada de decisão e propensão ao risco, afirmam os autores, são aspectos que ainda não se encontram devidamente respaldados por métodos de ensino adequados. Estudiosos da educação empreendedora têm defendido uma linha pedagógica mais voltada para a prática como mais apropriada para o ensino do Empreendedorismo. A aula tradicional expositiva pode ser utilizada para repassar aspectos teóricos e culturais do empreendedorismo, direcionando os demais aspectos da ação empreendedora para métodos e recursos pedagógicos mais dinâmicos (HONIG, 2004; PETERSON; LIMBU, 2010; RUSKOVAARA et al., 2010).

### **3. METODOLOGIA**

Sob a égide da taxonomia de Vergara (2010), a presente pesquisa será norteada, quanto aos seus fins, como uma pesquisa descritiva, muito utilizada por pesquisadores sociais, pois tem como objetivo a descrição de características essenciais que deve desenvolver o professor no ensino-aprendizagem de empreendedorismo.

Quanto aos meios, ainda segundo a taxonomia de Vergara (2010), a presente pesquisa é bibliográfica, participante, e de levantamento de dados. Tais procedimentos técnicos possibilitam tornar a investigação possível e com tradição científica, considerando que dessas técnicas resultarão dados e informações substanciais para a consecução dos objetivos de pesquisa (GIL, 2008).

A pesquisa tipo bibliográfica configura-se na definição do referencial teórico para o desenvolvimento deste trabalho, baseando-se em três variáveis: professor, ensino-aprendizagem e ensino de empreendedorismo. Desta maneira, será possível relacionar, na percepção discente, qual(is) o(s) papel(éis) do professor no ensino e na aprendizagem do empreendedorismo.

O levantamento de dados também desenhou-se como importante na consecução dos objetivos. Para tanto, foi desenvolvido um questionário semiestruturado, com a finalidade de avaliar a participação dos alunos e da atividade prática, bem como o papel que desempenhou o professor nesse processo. E, ainda, considerou-se a pesquisa como participante, considerando que os professores diretamente ou indiretamente envolvidos são os autores deste artigo.

De acordo com Barbetta (2002), a definição de uma amostra (parte do todo) nem sempre é interessante em uma pesquisa. Quando a população é pequena, por exemplo, a amostra deve ser equivalente ao universo de pesquisa. No presente caso, a amostra é representativa do todo. Considerando o universo de 123 alunos, de três cursos de graduação (Administração, Ciências Contábeis e Engenharia de Produção), considera-se a amostra adequada, pois 109 alunos foram participantes, correspondendo à amostra.

### **4. O PAPEL DO PROFESSOR NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE EMPREENDEDORISMO**

Para apontar qual o papel do professor no ensino-aprendizagem em empreendedorismo, desenvolveu-se o Quadro 01, abaixo, que identifica as principais considerações sobre os objetivos e universo de pesquisa.

**Quadro 01 – Considerações sobre o objeto e universo de pesquisa**

Objetivo da Feira de Empreendedorismo	Vivência e prática na criação de produto/serviço, comunicação com o público, “competição” de ideias.
Cursos envolvidos	Administração, Ciências Contábeis e Engenharia de Produção, período noturno.
Alunos diretamente envolvidos no objetivo	123 alunos, de três turmas distintas.
Total de visitantes na Feira	Aproximadamente 500 visitantes.
Método de eleição da Equipe com melhor desempenho	Visitantes indicavam em cédula número da equipe com melhor desempenho.
Crítérios de avaliação	Desenvolvimento de conceito/ideia criativa/inovadora + comunicação com o público.
População participante (preenchimento do questionário semiestruturado)	109 alunos, de três turmas distintas.
Data e Local do levantamento de dados	21 de novembro de 2016, no Hall da Faculdade.

Fonte: Autores (2018)

A edição da Feira de Empreendedorismo que é objeto de pesquisa neste trabalho ocorreu no segundo semestre letivo do ano de 2016, envolvendo três cursos de graduação da Faculdade. A turma participante do Curso de Administração foi 4ª fase, disciplina de Empreendedorismo. As turmas de Ciências Contábeis e Engenharia de Produção, 2ª fase, possuíam conteúdos de empreendedorismo na ementa da disciplina introdutória de Administração.

Ao final do evento, enquanto somavam-se as cédulas para premiação da equipe com melhor desempenho dentre os critérios de avaliação, os alunos participantes responderam ao questionário semiestruturado. O quadro abaixo retrata o conteúdo das questões, para avaliação do planejamento da atividade e dos alunos.

**Quadro 02 – Avaliação da Feira de Empreendedorismo**

A atividade foi bem planejada no plano de ensino e sua equipe?	Predominantemente, sim. Alguns alunos apontaram que não tiveram tempo suficiente para desenvolver a ideia.
A atividade tem coerência com o seu curso?	Predominantemente, sim. Alguns alunos do Curso de Ciências Contábeis apontaram a não-coerência com o objetivo do curso.

A atividade ajudou na sua formação?	Predominantemente, sim.
-------------------------------------	-------------------------

Fonte: Autores (2018)

O quadro 3 foi desenvolvido a partir dos dados coletados de pesquisa, em que os alunos responderam qual o papel do professor na atividade desenvolvida entre os cursos na Instituição de Ensino. Em uma análise de conteúdo, ressaltam-se as seguintes percepções:

**Quadro 03 – O(s) papel(éis) do professor no ensino de empreendedorismo**

Auxiliador	Na união da teoria e a prática; Em se ter uma visão ampla; Na experiência com o público; Na inovação; Na perda da vergonha/timidez; No saber lidar com as pessoas; Nas ideias revolucionárias; Para dar conhecimentos em outras áreas; Na união dos alunos; Em enxergar o mundo, o trabalho e os colegas.
Condutor	Para quebrar paradigmas; Capacidade de criação do aluno; Das atividades com segurança; Da boa formação do aluno.
Despertador	Do espírito empreendedor.
Incentivador	Do desenvolvimento contínuo, Da aprendizagem, Da importância de cada um, A tornar as coisas mais simples.
Estimulador	Novos conceitos; Novas habilidades; A trabalhar a inovação.
Expansor	Do conhecimento e criatividade.
Incentivador	Novos projetos; Criatividade; A dar o meu melhor; A crescer; A abrir sua própria empresa; A expor ideias; A conhecer a sabedoria de outros colegas; Constantemente.
Motivador	A sair da zona de conforto; A se sobressair; Para com todos; Pensar em problemas do cotidiano; Para fazer diferente.
Ser	Referência, Guia, Orientador.

Fonte: Autores (2018)

A identificação do papel do professor no ensino-aprendizagem de empreendedorismo é apontada pela literatura apresentada sobre as metodologias ativas de aprendizagem como uma das principais ferramentas do ato de aprender. A análise do Quadro 03 demonstra que a efetividade nas atividades que envolvem educação empreendedora e metodologias ativas de aprendizagem presumem habilidades a serem encontradas ou desenvolvidas nos professores como: auxiliador, condutor, despertador, encorajador, estimulador, expansor, incentivador, motivador, sendo referência, guia e orientador.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em função da importância do Empreendedorismo no crescimento e desenvolvimento econômico dentro de uma dinâmica de mercado global, onde cada detalhe faz diferença para se diferenciar e competir de maneira eficaz, a necessidade de evolução e melhora contínua na preparação do empreendedor fomenta a pesquisa e estudos cada vez mais específicos de como

preparar as IES e, em especial, os Professores para a nova dinâmica da Educação Empreendedora.

Apesar da quantidade de Estudos e pesquisas realizadas nos últimos trinta anos sobre o tema, ainda não se pode afirmar categoricamente qual o melhor formato ou forma de se ensinar Empreendedorismo em IES de ensino. Não existe um consenso sobre o assunto, mas é comumente aceito que Professores e IES devem buscar instrumentos pedagógicos distintos com foco em despertar o interesse e aumentar a propensão de seus acadêmicos a cogitar a hipótese de empreender.

Diante dessa realidade o presente estudo apresentou, na perspectiva do acadêmico, quais são os papéis do Professor no Ensino do Empreendedorismo, através de uma ferramenta pedagógica diferente que permitiu aos alunos observarem seus Professores de uma forma distinta e se sentirem mais próximos do mundo real, numa realidade competitiva dentro de uma simulação criada pelo ambiente da feira. Essa metodologia ativa de aprendizagem permitiu que os alunos mudassem sua percepção acerca do tema e do papel do Professor, observando características diferentes da usual de controle.

A partir do presente estudo seria de suma importância auferir os resultados atingidos e conquistados como objetivo da Feira do Empreendedor, analisar se a mesma e outras metodologias ativas de ensino realizadas pelas IES conseguem aumentar a propensão dos acadêmicos a empreender. Buscar analisar também quais são as metodologias com resultados mais sólidos e fomentar a participação de estudantes fora dos cursos de gestão para observar se os resultados obtidos serão similares ou distintos em função das características dos acadêmicos envolvidos nos projetos.

## REFERÊNCIAS

- BAE, T.J., QIAN, S., MIAO, C., FIET, J.O.. The relationship between entrepreneurship education and entrepreneurial intentions: a meta-analytic review. **Enterp. Theory Pract.** 38, 217–254. 2014.
- BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 5. ed. Florianópolis: UFSC, 2002.
- BERBEL, N. A. N.. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.
- BLOCK, Z., & STUMPF, S. A. Entrepreneurship education research: Experience and challenge. In D. L. Sexton, & J. D. Kasarda (Eds.). **The state of the art of entrepreneurship**. Boston, MA: PWS-Kent Publishing. 17 – 45. 1992.
- BRENNER, O.C., PRINGLE, C.D. e GREENHAUS, J.H. Perceived fulfillment of organizational employment versus entrepreneurship: Work values and career intentions of business college graduates. **Journal of Small Business Management**, 29, 3, 62–74. 1991.
- BONDÍA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber experiência**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 01 jul 2015.

CHARNEY, A., & LIBECAP, G. D. **Impact of entrepreneurship education**. Insights: A Kauffman research series. Kansas City, MO: Kauffman Foundation. 2000.

COLLINS, L., HANNON, P. D., SMITH, A., Enacting entrepreneurial intent: the gaps between student needs and higher education capability, **Education + Training**; Vol. 46, No. 8/9; pg. 454-463. 2004.

CUNHA, M. I. Diferentes olhares sobre as práticas pedagógicas no ensino superior: a docência e sua formação. **Educação**. Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 3 (54), p. 525 – 536, Set./Dez. 2004.

DELORS, J. Os quatro pilares da educação. In: **Educação: um tesouro a descobrir**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FAYOLLE, A. Evaluation of entrepreneurship education: Behavior performing or intention increasing. **International Journal of Entrepreneurship and Small Business**, 2, 89–98. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **História das idéias pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.

GIBB, A. Concepts into practice: meeting the challenge of development of entrepreneurship educators around an innovative paradigm. **International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research**, 17(2), 146-165.2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUERRA, M. J. & GRAZZIOTIN, Z. J. Educação Empreendedora nas Universidades Brasileiras. In: LOPES, R. M. A. (org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier. p. 67-91. 2010.

HART, M. e HARRISON, R. Encouraging enterprise in Northern Ireland: constraints and opportunities. **Irish Business and Administrative Research**, 13, 104–116. 1992.

HONIG, B. Entrepreneurship education: Toward a model of contingency-based business planning. **Academy of Management Learning and Education**, 3, 258–273. 2005.

JONES, C., & MATLAY, H. Understanding the heterogeneity of entrepreneurship education: going beyond Gartner. **Education & Training**, 53(8/9), 692-703. 2011.

LAUTENSCLAGER, A., & HAASE, H. The myth of entrepreneurship education: Seven arguments against teaching business. **Journal of Entrepreneurship Education**, 14, 147–162. 2011.

MARESCH, D., HARMS, R., KAILER, N., WIMMER-WURM, B. The impact of entrepreneurship education on the entrepreneurial intention of students in science and engineering versus business studies university programs. **Technological Forecasting & Social Change**, 104. 172–179. 2016.

MCMULLAN, W. E., & LONG, W. A. Entrepreneurship education in the nineties. **Journal of Business Venturing**, 2, 261–275. 1987.

PIAGET, J. **Aprendizagem e Conhecimento**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

PIAGET, J. **Para Onde Vai a Educação?** 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 1988.

ROCHA, E. L. de C, FREITAS, A, A, F.. Avaliação do Ensino de Empreendedorismo entre Estudantes Universitários por meio do Perfil Empreendedor. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, art. 5, pp. 465-486, Jul./Ago. 2014.

RODRIGUES, R. G., DINIS, A., DO PACO, A., FERREIRA, J., & RAPOSO, M. The effect of an entrepreneurial training programme on entrepreneurial traits and intention of secondary students. In: T. Burger-Helmchen (Ed.), **Entrepreneurship: born, made and educated**. Rijeka, Croatia: InTech 77 – 92. 2012.

RUSKOVAARA, E., HAMALAINEN, M., PIHKALA, T.. Head-teachers managing entrepreneurship education e empirical evidence from general education. **Teaching and Teacher Education**, 55 155 -164. 2016.

SÁNCHEZ, J. C. The impact of an entrepreneurship education program on entrepreneurial competencies and intention. **Journal of Small Business Management**, 51, 447–465. 2013.

SHEPHERD, D. Educating entrepreneurship students about emotion and learning from failure. **Academy of Management Learning and Education**, 3, 274–287. 2004

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 12. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

VOLPATO, Gildo. **É possível haver ensino se não houver aprendizagem?** Revista Meu Sul. Março 2011.

VON GRAEVENITZ, G., HARHOFF, D., & WEBER, R. The effects of entrepreneurship education. **Journal of Business Venturing**, 76, 90–112. 2010.

WALTER, S.G., BLOCK, J.H. Outcomes of entrepreneurship education: An institutional perspective. **Journal of Business Venturing**, 31 216–233. 2016.

WELSH, D.H.B., & DRAGUSIN, M. Entrepreneurship education in higher education institutions as a requirement in building excellence in business: The case of The University of North Carolina at Greensboro. **Forum Ware International Journal**, Special issue on International Society of Commodity Science and Technology, 1, 266-272. 2011.

WELSH, D. H. B., TULLAR, W.L, NEMATI, H. Entrepreneurship education: Process, method, or both? **Journal of Innovation & Knowledge**, 2016.

WILSON, F., KICKLUL, J., & MARLINO, D. Gender, entrepreneurial self-efficacy, and entrepreneurial career intentions: Implications for entrepreneurship education. **Entrepreneurship Theory and Practice**, 31, 387–406. 2007.